



A ESCRITA DE SI MEDIADA PELO USO DA TECNOLOGIA: *PADLET* – QUEM SOU EU?

Daiane Silva de Andradeⁱ
Luana Aparecida Matos Leal Fernandesⁱⁱ

Resumo: Apresentamos neste artigo a análise de uma prática realizada nas aulas de Língua Portuguesa, em turmas do 1º ano do Ensino Médio do IFNMG/*Campus Salinas*, com o uso da ferramenta *Padlet* para a fase de apresentação de estudantes ingressantes na instituição durante as Atividades não Presenciais (ANPs), no ano letivo de 2021. A partir das propostas e das ferramentas apresentadas no curso de aperfeiçoamento “*Ressignificação das práticas didático-pedagógicas por meio de metodologias ativas na educação profissional e tecnológica*”, desenvolvemos uma atividade, utilizando o *Padlet* como um mural para inserção de *selfies* e textos de apresentação pelos estudantes. Nessa proposta, mediante o uso do *Padlet*, como mural virtual que permite a inserção de textos, imagens, vídeos, hiperlinks, de forma colaborativa, objetivamos trabalhar a perspectiva multimodal da linguagem, bem como permitir a potencialização da narrativa de si por meio da escrita. Nas postagens feitas pelos(as) alunos(as), foi possível, além de proporcionar esse espaço de socialização, uma análise diagnóstica do processo de escrita desses estudantes e ainda uma percepção de como eles constroem uma narrativa autobiográfica, por meio da linguagem no ambiente digital. Além disso, os dados analisados evidenciaram o hibridismo entre diferentes espaços de aprendizagem, numa relação fronteiriça entre o presencial e o virtual.

Palavras-Chave: Narrativa de si; *Padlet*; Interação; Autobiografização, *Selfie*

1. INTRODUÇÃO

A partir da implementação das Atividades não Presenciais (ANPs), no IFNMG, em 2020, em consequência da pandemia da COVID 19, professores, alunos e toda a comunidade escolar se viram diante de um cenário de incertezas e de preocupações que mudaram as práticas de ensinar e de aprender no contexto escolar. Diante desse impasse, as tecnologias da informação se tornaram grandes aliadas, permitindo a implementação, via ferramentas digitais, de atividades, antes executadas de forma presencial. Nessa perspectiva, o curso de Aperfeiçoamento “*Acompanhamento in*

loco para a resignificação das práticas didático-pedagógicas por meio de metodologias ativas e ferramentas digitais na educação profissional e tecnológica”, oferecido pelo IFNMG, em 2021, permitiu aos participantes momentos de troca de experiências e, especialmente, de aprendizado para enfrentamento das dificuldades desse novo modelo de trabalho, proporcionando a resignificação de algumas práticas, por meio da incorporação das tecnologias digitais.

Sobre esse processo de readaptação, trazemos neste artigo, a análise dos resultados obtidos na nossa experiência de trabalho, a partir de uma prática desenvolvida em turmas do 1º ano do Ensino Médio, dos cursos técnicos integrados em Agropecuária e Informática, no IFNMG/Campus Salinas. A escolha por essa proposta se dá pelo fato de ter sido um momento em que alunos e professores iniciavam os primeiros contatos e, diante da necessidade de criação de vínculos, deparamo-nos com uma situação inusitada. Sem nos conhecermos pessoalmente, iniciávamos um processo de ensino-aprendizagem que, por si, precisaria ir além de uma troca de conhecimentos, uma vez que se estabelecia naquele momento, a identificação dos alunos com a instituição da qual começavam a fazer parte. Nessa perspectiva, aquela fase de apresentação dos alunos e dos professores, que permite a enturmação e a criação de vínculos, por meio de dinâmicas e trocas de experiências costumeiramente presenciais, precisava ser resignificada. As “bolinhas” com fotos, marca registrada dos encontros síncronos, via *Google Meet*, precisavam significar “gente de verdade”.

Assim, surgiu a proposta de apresentação, por meio de uma *selfie*, publicada em um mural virtual, o *Padlet*, ferramenta que permite um trabalho numa perspectiva multimodal, uma vez que nele é possível a inserção de textos, imagens, vídeos, *hiperlinks*. A partir da adaptação de uma atividade disponível no projeto Redigir da UFMG¹, propusemos aos alunos(as) que postassem no mural virtual do *Padlet* uma *selfie*, apresentando-se e destacando as expectativas em relação à nova fase escolar na qual ingressavam. Nessa proposta, objetivamos, por meio de um espaço virtual de apresentação e de troca, que os alunos(as) se sentissem à vontade para dizerem de

¹ O Projeto Redigir da FALE/UFMG desenvolve e disponibiliza materiais que podem ser utilizados por professores. As ações do Redigir buscam auxiliar a formação de professores (sobretudo de Língua Portuguesa), oferecendo a eles atividades fundamentadas em teorias contemporâneas da linguagem e da educação, que eles podem replicar e adaptar aos seus alunos ou futuros alunos. Disponível em: <https://www.redigirufmg.org/>.

si por meio da escrita e da foto escolhida. A partir desse texto e dessa imagem, mais do que se apresentar, eles tiveram a oportunidade de se conhecerem e de se sentirem parte de um grupo que acabava de se formar. A distância entre os colegas, por não dividirem o mesmo espaço físico, diluiu-se em meio a laços afetivos que se criavam por meio da escrita, naquele ambiente virtual.

Dessa forma, essa prática, pensada para atender a uma situação “nova” tornou-se uma metodologia capaz de relacionar os espaços físicos e virtuais (SCHLEMMER, 2021), na medida em que permitiu aos alunos (com)partilharem as vivências dos lugares de onde vinham com as expectativas que traziam ao adentrar esse novo ambiente escolar, naquele momento, situado em um espaço virtual. Para descrição, análise e discussão dessa prática, este artigo está organizado, além desta introdução, em quatro tópicos: metodologia, na qual apresentamos o percurso da pesquisa, desde a realização da atividade até a organização dos dados; fundamentação teórica, em que trazemos os principais conceitos relacionados à autobiografização, escrita de si e multimodalidade, que norteiam as nossas discussões, teorizados por Lima e Santiago (2010), Lejeune (2008), Le Goff (1990), Passeggi (2021) e Street (2014); análise dos dados, na qual discutimos sobre a escrita escolar em uma ferramenta multimodal; e as considerações finais, em que tecemos algumas palavras conclusivas sobre essa experiência de trabalho/pesquisa.

2. PERCURSO METODOLÓGICO: DA PRÁTICA À REFLEXÃO

Este trabalho é resultado de uma prática escolar. Metodologicamente, consideramos que se trata de um relato de experiência, visto que descrevemos uma interven(a)ção pedagógica e a analisamos a partir de um referencial teórico. Configura-se assim como uma pesquisa com o objetivo exploratório, já que esse tipo de pesquisa tem como finalidade gerar um maior contato com o problema analisado, de maneira a detalhá-lo e levantar hipóteses a partir de uma experiência prática (GIL, 2007). Nessa perspectiva metodológica, apresentamos uma breve exposição sobre a instituição na qual a atividade foi realizada, bem como o percurso metodológico que orientou a prática desenvolvida e a análise dos dados.

O *Campus* Salinas foi criado em 2008, por meio das transformações realizadas na antiga “Escola Agrotécnica Federal de Salinas”, e recebe estudantes de todo o Norte de Minas Gerais, Vale do Jequitinhonha e Sul da Bahia. Nessa perspectiva,

desde a escolha dos cursos oferecidos até o perfil dos profissionais formados na instituição objetivam movimentar a economia das cidades abrangidas e a formação integral desses discentes. Dessa forma, estudantes de cidades variadas aguardam o ingresso no ensino técnico integrado ao médio e vislumbram a entrada na instituição como um marco de amadurecimento, por vezes sinalizado pela mudança de cidade e pelo primeiro distanciamento da família.

Diante do impasse já mencionado de iniciar um ano letivo sem a aproximação presencial necessária entre alunos e professores, surgiu uma indagação: como receber esses alunos oriundos de regiões, classes econômicas e realidades diversas, sem negar-lhes a experiência de pertencimento à instituição, apesar da distância?

A ideia da atividade instaura-se nesse contexto. Os alunos e alunas envolvidos precisavam entender a importância de mostrar sua identidade enquanto sujeitos, detentores de uma narrativa pessoal, que agora cruzariam sua biografia com a história de vida dos professores e de outros colegas, também residentes em diferentes cidades. A atividade foi desenvolvida nas primeiras semanas de setembro de 2021, no início do ano escolar do IFNMG/*Campus* Salinas. Na primeira semana de ANPs (Atividades não Presenciais), foram apresentadas as diretrizes dos estudos, docentes, núcleo pedagógico, calendário e demais informações organizacionais.

Durante o primeiro encontro síncrono da disciplina, ocorreu uma rápida apresentação, mas ainda muito distante da espontaneidade e da alegria que permeiam essas atividades de identificação inicial. Nesse momento, os alunos foram informados de que fariam a atividade “*Selfie: quem sou eu?*” e foram orientados sobre o objetivo e o passo a passo da atividade. No documento norteador da atividade, postado no *Google Classroom*, havia um texto sobre a origem da palavra “*selfie*”, um texto sobre o surgimento dessa prática, um link da paródia “*Self – não famoso*”, baseado na música “*Help*” (The Beatles) e da música “*Desconstrução*” (Tiago Iorc). Ambas as músicas abordam o uso da *selfie* na contemporaneidade e tecem reflexões sobre esse fenômeno. Após essa contextualização, os estudantes receberam, no mesmo documento, a seguinte instrução:

Figura 1: Instrução para a atividade no *Padlet*

“Faça, com sua câmera fotográfica ou seu celular, uma nova *selfie*. Pode ser uma *selfie* artística (há muitos recursos e efeitos que podem ser usados em programas de edição e

compartilhamento de imagens como o *Instagram* citado na música, por exemplo), uma *selfie* que represente sua vida, sua personalidade, seu dia a dia, ou alguma coisa que você gostaria de ser no futuro. Poste sua *selfie* no *Padlet*, descrevendo o que você intencionou destacar na imagem (máximo 15 linhas). Também comente, com o mesmo respeito que você deseja receber, as *selfies* compartilhadas por seus colegas.”

Fonte: Produção das autoras.

A partir dessas instruções, os alunos migraram para a plataforma do *Padlet*, por meio do *link* disponibilizado para esse fim, para postarem suas *selfies* com textos e também, como forma de interação, observarem as fotos e textos dos colegas.

Após a realização dessa atividade e considerando as discussões realizadas no curso de capacitação para o uso de metodologias ativas em sala de aula e do referencial teórico que embasa as discussões sobre multimodalidade, escrita de si e uso das ferramentas digitais em sala de aula, procedemos a análise de alguns recortes dos textos publicados pelos(as) alunas(as) no *Padlet*. Para isso, selecionamos os recortes nos quais o relato sobre as vivências particulares e as expectativas quanto às novas experiências que viveriam naquele momento atípico em que o espaço íntimo de suas casas se misturavam ao espaço “virtual” escolar.

Para preservar o anonimato dos participantes da atividade, os nomes dos(as) alunos(as) foram retirados da postagem, pois consideramos que a própria escrita já carrega as marcas da subjetividade e da identidade desses sujeitos, o que do nosso ponto de vista é fundamental para a análise.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Self: a escrita de si grafada na atualidade

O convite para se apresentar de maneira escrita e imagética diante de uma tela para descrever-se, inclusive com aspectos subjetivos, pode parecer banal no contexto atual, no qual muitas plataformas digitais e redes sociais incentivam esse ato. Entretanto, narrar-se envolve uma série de aspectos que trazem considerações sobre esse ato reflexivo, pois:

a ação de narrar e de refletir sobre as experiências vividas, ou em devir, permite dar sentidos ao que aconteceu, ao que está acontecendo, ao que pode mudar ou permanecer inalterável, mas também ao que poderia ter acontecido e por quais razões. Todas essas opções de temporalidade devem ser consideradas como possibilidades abertas, o que revela ao mesmo tempo a complexidade da narração e seu poder de auto(trans)formação (PASSEGGI, 2021 p. 94).

Dessa forma, a tentativa de criar uma breve autobiografia vista aqui como “[n]arrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (LEJEUNE, 2008, p.14), para a atividade requisitada em sala de aula, conseqüentemente promove um espaço introspectivo de reflexões (LEJEUNE, 2008) que envolve a análise de fatores identitários, ideológicos e imagem da forma como cada indivíduo se vê ou imagina que é visto dentro da sociedade. Inevitavelmente, esse processo envolve uma re(construção) de “uma versão de si ao repensar suas relações com o outro e com o mundo da vida” (PASSEGGI 2021 p. 94).

A autobiografização traz a possibilidade de se aprofundar na própria história de vida, pois todo o percurso enquanto ser humano é detalhado, mas antagonicamente promove um certo hiato, uma vez que “[o] papel [e aqui também podemos pensar na tela] é um espelho. Uma vez projetados no papel, podemos nos olhar com distanciamento” (LEJEUNE, 2008, p. 263). Ainda segundo o autor, trata-se de uma possibilidade de se observar dentro e fora, concomitantemente. Sendo assim, entramos no desdobramento mencionado por Passeggi (2021) ao citar Bruner (1991): protagonista e narrador se juntam na mesma instância no ato narrativo. Segundo a autora,

não pegamos a agulha e a linha para bordar nossa história, nós somos a agulha, a linha e o bordado que fazemos sobre o tecido da vida. Mas será que o poder de se constituir ao tecer memórias e projetos em devir são privilégios do adulto, de grandes escritores? Ou somos todos, em diferentes idades, cientistas potenciais? (PASSEGGI 2021 p. 111).

Dessa forma, mais que mera apresentação, a atividade analisada neste trabalho procurou validar o modo de se ver e a forma escolhida de apresentação de cada adolescente envolvido. Se no ambiente escolar muitas vezes lemos biografias de autores e outras personalidades ilustres para a história do Brasil e do mundo, por

que não mostrar a importância daquelas narrativas de vida de pessoas que são tão importantes para qualquer instituição de ensino: o próprio aluno?

3.2 Editar textos, imagens e a própria memória

No adolescer contemporâneo, lidar com a edição de imagens é algo automático e corriqueiro. Eles vivem cercados por textos multimodais, sobre os quais abordaremos mais à frente, e transitam com facilidade entre ambientes de múltiplas semioses. Escolher o melhor ângulo para o registro de uma imagem de si, usar filtros e elaborar a legenda ideal são atividades que, por vezes, requerem apenas segundos. Entretanto, há aspectos cognitivos e psicológicos nessas ações que também trazem algo bem peculiar ao ser humano e anterior a todas essas facilidades trazidas pela tecnologia. Sendo a narrativa entrelaçada à própria realidade, escrever sobre si, escolhendo os recortes da própria vida a serem apresentados “pressupõe fazer uma triagem do vivido e organizá-lo segundo eixos, ou seja, dar-lhe uma ‘identidade narrativa’ que tornará minha vida memorável” (LEJEUNE, 2008, p. 262). Nesse processo de selecionar o que é plausível de ser narrado, destaca-se, como frisou Le Goff (1990) a memória como um aspecto primordial na formação da identidade individual ou coletiva.

3.3 O(s) “nós” da tecnologia

Essa tentativa de retenção da memória é algo inerente a todo ser humano e ancestral. A escrita de diários, cartas, blocos de anotações e outras ferramentas para registro do cotidiano e incursões pelo próprio ser estão presentes no fazer humano há muito tempo. Entretanto, esse processo recebeu novas facetas com o advento do ciberespaço, pois contemporaneamente os escritos pessoais não estão segredados necessariamente em gavetas e outros esconderijos, pois são disponibilizados em interfaces que permitem a leitura de outras pessoas e até mesmo o registro de comentários desses interlocutores. No universo adolescente, conhecidamente apegado à ideia do pertencimento a grupos, esse espaço digital funciona como maneira de interação social (a existência da primeira pessoa do discurso: nós), mas também de preservação de individualidades, como enfatizam Lima e Santiago:

Marcado por contradições, o ciberespaço apresenta os limites mais tênues e flexíveis, possibilitando o exercício das contradições próprias dessa fase da vida. Fundamentalmente, podemos reconhecer que pode haver nesse exercício da escrita de si pelo sujeito, a construção de um saber próprio. Se o computador permite qualquer percurso, abrindo possibilidades para diferentes formas de utilização, o ciberespaço pode ser utilizado pelo sujeito como um espaço de construção de saber que o particulariza, numa cultura que visa a homogeneização de todos os indivíduos a partir do consumo. (LIMA, SANTIAGO, 2010, p. 65).

Nesse contexto, ferramentas como o *Padlet* oferecem tanto a aproximação necessária nessa sede que os adolescentes possuem de se juntar com os pares (pessoas com as quais podem dividir as angústias, inquietações e alegrias típicas da idade), como também a possibilidade de personalização, por meio das muitas ferramentas de edição do texto, imagens, vídeos, músicas, entre outros elementos, de forma que, diante desses aspectos, o “nome próprio e o discurso se articulam” (LEJEUNE 2008, p. 22), de maneira única.

3.4 *Padlet*: uma ferramenta multimodal

Essa capacidade de criar textos, dos mais variados tipos, com aspectos extremamente individualizados é bastante explorada pela ferramenta *Padlet*, pois tal qual uma folha de papel ou mural virtual, de maneira solitária ou com a interação com outras pessoas, os usuários podem criar, armazenar e compartilhar documentos multimídias. Diante dessas características desse serviço, os produtos criados pelos usuários apresentam estrutura multimodal. Para compreender o termo, podemos recorrer ao significado apresentado no Glossário do Centro de Alfabetização Leitura e Escrita (CEALE), criado por pesquisadores da Universidade Federal de Minas Gerais em 2014, com a finalidade de apresentar verbetes relacionados à alfabetização, leitura e escrita para educadores. Um trecho do verbete “multimodalidade”, criado por Brian Street, traz a seguinte consideração:

O ensino e a aprendizagem da leitura e da escrita precisam levar em conta, atualmente, a variedade dos modos de comunicação existentes, o que chamamos de multimodalidade. Nessa nova perspectiva, que se opõe às abordagens educacionais ocidentais mais tradicionais, devem-se considerar os modos de comunicação linguísticos – a escrita e a oralidade –, visuais – imagens, fotografias –, ou gestuais – apontar o dedo, balançar a cabeça negativa ou

afirmativamente, por exemplo. Essa diversidade de modos de comunicação foi incorporada tanto pelos meios de comunicação mais tradicionais, como livros e jornais, quanto pelos mais modernos, como computadores, celulares, televisão, entre outros.²

Diante desse caráter multimodal presente em todos os textos, mas evidenciados pelo ciberespaço, crescem também os desafios para os docentes formarem estudantes capazes tanto de produzir, quanto ler textos de maneira crítica nesses ambientes. Por outro lado, a capacidade de exploração desses aspectos multimodais permitem uma maior variedade de atividades e também de arquivamento. Segundo Le Goff (1990), a memória humana é manipulável e instável, já a memória das máquinas pode ser evocada com mais facilidade, pois é estável. Assim, esse registro de narrativa de si por meio da atividade desenvolvida de produção de uma *self* descritiva pode ser consultada em outros momentos para comparações entre passado e presente, identificação de lembranças e sensações e, sobremaneira, acompanhamento das transformações ocorridas ao longo do tempo.

4. ANÁLISE DOS DADOS: ANTES DE QUALQUER TECNOLOGIA, HISTÓRIAS DE VIDA

Ao avaliar as atividades postadas, percebemos que os alunos se empenharam em escolher uma *selfie* que realmente representasse sua identidade, com suas ideologias e peculiaridades, ou editaram uma *selfie* para agregar símbolos que sintetizassem seu ser. Assim, pudemos conhecer, com o auxílio dessas imagens, lugares e esportes preferidos, memórias de infância, hobbies, músicas, livros e filmes e fatos que formavam, juntamente com o texto escrito, as idiosincrasias de cada estudante ali apresentado.

Inicialmente achamos que seria uma atividade breve, mas depois entendemos que mesmo no universo digital, ali diante do grupo estavam os adolescentes sedentos pela vivência do ensino médio, sobremaneira na forma de se ver, observar os outros e também de ser visto.

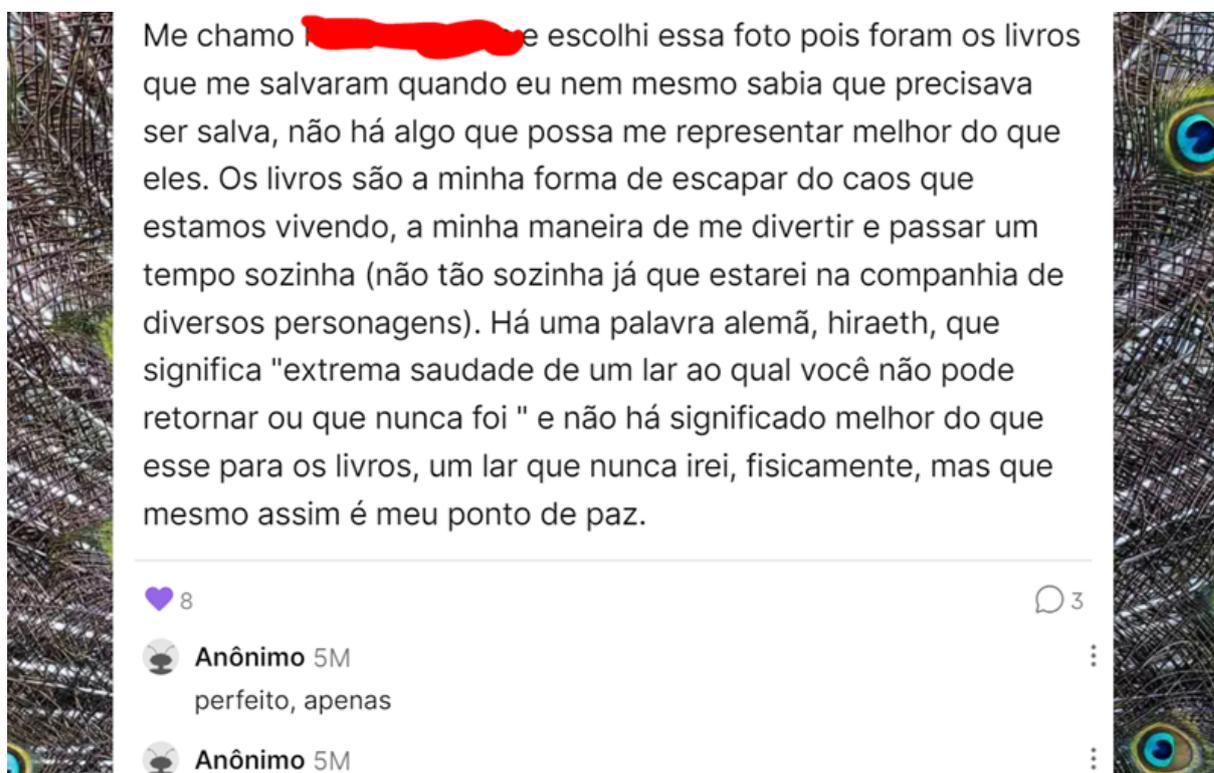
Nesse processo de autobiografização, eles também interagiam com a biografia dos colegas. O ambiente virtual havia substituído os olhares e os risos de uma primeira

² Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/autor/brian-v-street>. Acesso em 30 set. 2023.

semana de aula, numa sala repleta de cadeiras e corações ansiosos. Essa sensação de, embora em cidades diferentes, sentirem-se comungando de um mesmo espaço e das mesmas experiências ilustra aquilo que Schlemmer; Backes; Palagi (2021, p. 27) compreendem por cibricidade: “essa cidade híbrida que de uma geografia física se conecta e se amplia para outras geografias digitais, informacionais e conectivas”.

Nos diferentes escritos, além dos dilemas inerentes à pandemia, que aparecem em muitos relatos, destaca-se o uso desse conceito de cibricidade mencionado acima como ferramenta para amenizar os efeitos da solidão ocasionados pelo distanciamento físico, como o exemplo abaixo:

Figura 2: Recorte do *Padlet*



Fonte: Print do *Padlet* produzido na atividade (2021).

Em outros momentos, sobrepõe-se um aspecto identitário escolhido pelo(a) discente como cabelos, dons, hábitos diários, ligação com a família ou com algum animal de estimação:

Figura 3: Recorte do *Padlet*



Sou [redacted] e escolhi esta foto, porque ela destaca uma das coisas que mais gosto em mim: o meu cabelo. Usar o cabelo natural, muitas das vezes é sinônimo de resistência e acredito que isso reflita bem quem eu sou.

Também adicionei à foto alguns ícones que podem ajudar a me descrever.

Na montagem, quis me colocar como uma canção, mostrando minha paixão pela música. Creio que se eu fosse uma música nome dela seria “beautiful mess”, (em português “bela bagunça”), já que, acredito que eu (nós humanos) sou (somos) uma bela e admirável bagunça.

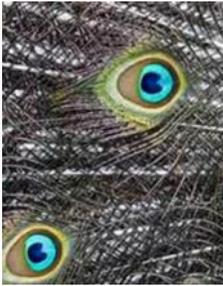


Fonte: Print do *Padlet* produzido na atividade (2021).

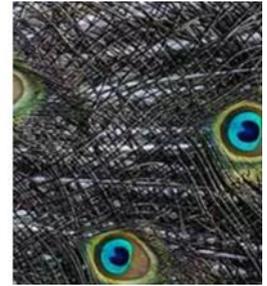
Nesse recorte, verifica-se a necessidade que o(a) aluno(a) tem de se descrever, para além da imagem, com o objetivo de evidenciar fatores ideológicos que são cruciais na sua constituição enquanto sujeito. Desse modo, entendemos que esse ato demonstra uma tentativa de ruptura com o virtual e inserção de aspectos da própria vida, concretizando assim a “virtualidade de uma educação *OnLIFE*, entendida como a educação ligada, conectada (*On*) e instigada pelas problematizações da vida (*LIFE*) no tempo presente” (SCHLEMMER; OLIVEIRA; MENEZES, 2021, p. 140).

A distância de casa e o olhar para o ingresso no IF como uma oportunidade de realização de sonhos também marcam a escrita desses(as) estudantes. Sem esquecerem do lugar onde vivem, os (as) alunos (as) fazem desse vínculo um estímulo para essa nova fase de estudos. Assim, percebe-se uma nova relação com os limites geográficos, numa (re)configuração espacial, na qual se mesclam paisagens já presentes no cotidiano desses estudantes e ambientes virtuais, também passíveis de conexões reais entre eles. Essa reflexão está presente em alguns relatos, como vemos no exemplo, a seguir:

Figura 3: Recorte do *Padlet*



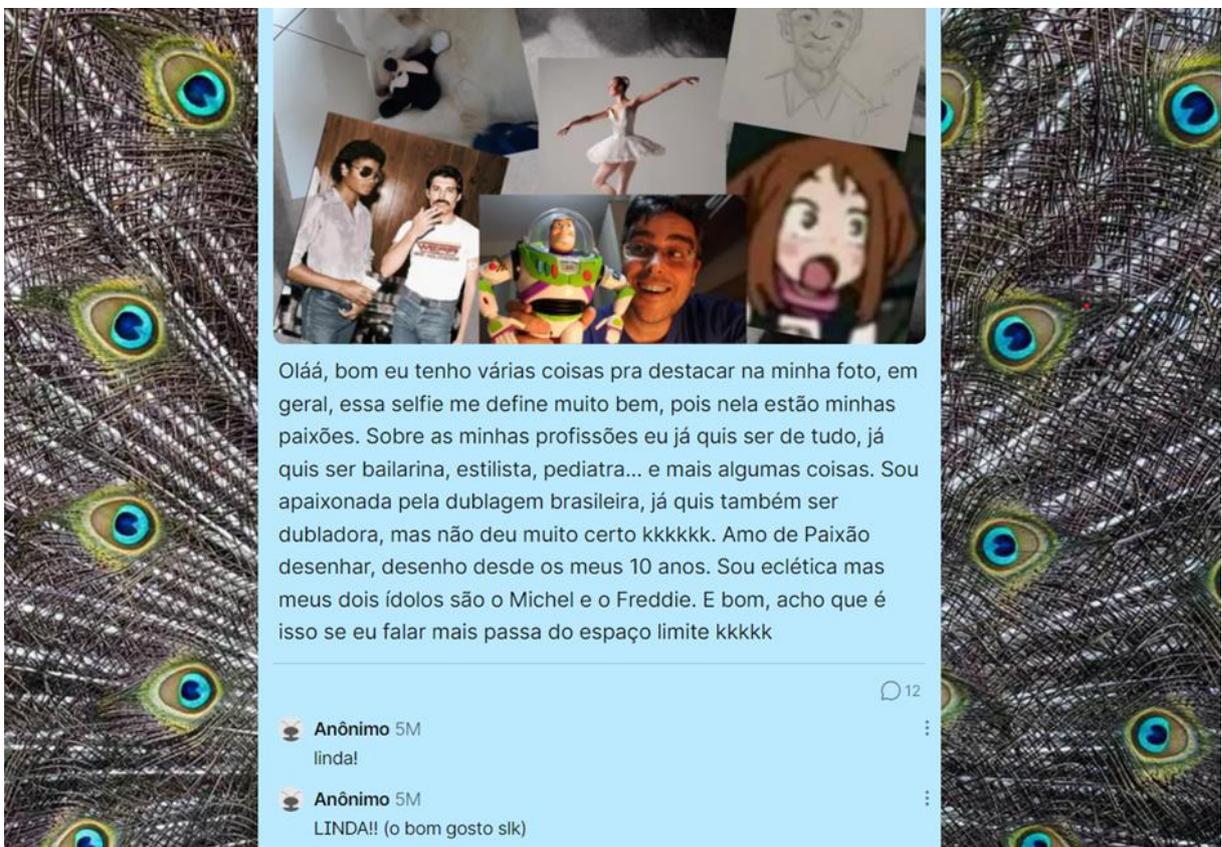
Bom... meu nome é [REDACTED], moro em Águas Vermelhas, não sei muito o que falar, mas esse sou eu do jeito que eu gosto, e onde eu gosto de está. Futuramente quero esta empregado, cursando Medicina Veterinária. Me identifico com essa área desde criança e quero muito poder seguir o sonho do meu pai de se formar em Veterinária. Quero realizar o sonho pra ele e poder cuidar da terra onde cresci e tenho uma paixão imensa por esse lugar.



Fonte: Print do *Padlet* produzido na atividade (2021).

E, como não poderia deixar de ser, falar de si também permite a esses jovens se (re)conhecerem. Na tão delicada adolescência, uma *selfie* apenas não é capaz de defini-los, restando a opção de uma montagem de fotos, uma vez que a edição dessa imagem permite uma junção entre o universo ficcional e autobiográfico (LIMA, SANTIAGO, 2010). Sendo assim, não se trata apenas de escrever sobre si, mas também de criar uma imagem da forma como deseja ser visto:

Figura 4: Recorte do *Padlet*



Fonte: Print do *Padlet* produzido na atividade (2021).

Numa simulação dos diálogos e brincadeiras, típicos das dinâmicas de apresentação, o *Padlet* tornou-se também um espaço de interação entre os estudantes. Por meio dos comentários, presentes nas postagens, eles puderam registrar os sentimentos em relação aos textos de apresentação dos colegas. Esse aspecto, entre outros, segundo Lima e Santiago (2010, p. 63), evidencia a necessidade dessa correspondência entre adolescentes “que tentam construir uma nova posição social, com todas as contradições que essa fase da vida implica”.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS: EM CENA, O PROTAGONISMO ESTUDANTIL

Mesmo quando o docente tem anos de profissão, cada novo ano escolar traz a expectativa do contato com alunos desconhecidos e novos desafios a se superar. O ensino remoto potencializou essas angústias. Na nossa prática diária, lidamos com técnicas e teorias, mas, acima de tudo, lidamos com pessoas. Fazemos parte da formação de seres humanos e, por isso, um dos primeiros anseios diante de uma nova turma é justamente conhecer um pouco daquelas histórias de vida sob aquela lista de frequência.

O distanciamento nos negou o acesso a essas narrativas pessoais, por isso, a experiência de uso do *Padlet* como forma de apresentação e troca entre professores e estudantes nos proporcionou uma aproximação muito semelhante à que teríamos presencialmente. Além desse caráter mais subjetivo da atividade, também foi a oportunidade de um primeiro contato com a escrita dos alunos, sendo, portanto, uma forma de diagnosticar os principais problemas apresentados e demais especificidades da escrita.

Quanto aos discentes, a experiência parece ter deixado claro que poderíamos construir uma relação de ensino-aprendizagem mais pessoal, apesar do distanciamento físico, e a escola não precisaria apresentar uma ruptura com o mundo no qual vivem repleto de imagens, *selfies*, símbolos, emojis e identidades virtualmente construídas.

Além disso, o contexto pandêmico pode ter gerado muitas transformações diárias, mas a atividade tornou visível que a experiência enquanto adolescentes não precisaria ser totalmente cerceada. Isso porque, segundo Schlemmer, Oliveira Menezes, (2021, p. 141), “são justamente a técnica e a tecnologia que possibilitam

hibridizar esses diferentes mundos – físico, biológico e digital – propiciando que a aprendizagem se prolongue para além dos muros das instituições”.

Ao escolher memórias, características de si e sintetizar o difícil questionamento trazido pela expressão “quem sou eu?”, os estudantes puderam compreender que, independentemente da ferramenta utilizada, escolhemos a forma como apresentamos as narrativas de nossas vidas e, conseqüentemente, somos protagonistas desse mosaico que formamos enquanto pessoas.

6. REFERÊNCIAS

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à Internet. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LIMA, Nádia Laguárdia de; SANTIAGO, Ana Lydia Bezerra. Por que os adolescentes escrevem diários na rede? A escrita de si no universo virtual. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**. v.5, n. 1, São João del-Rei, p. 53-64, 2010. Disponível em: https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistalapip/volume5_n1/lima_e_santiago.pdf. Acesso em 20 set. 2023.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Reflexividade narrativa e poder auto(trans)formador. **Revista Práxis Educacional**. v.17, n.44, p. 93-113, 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/8018/5528>. Acesso em 30 set. 2023.

STREET, Brian Vincenti. Multimodalidade. **Glossário Ceale**: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2014. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/autor/brian-v-street>. Acesso em 30 set. 2023.

SCHLEMMER, Eliane; OLIVEIRA, Lisiane César.; MENEZES, Janaína. **O habitar do ensinar e do aprender em tempos de pandemia e a virtualidade de uma educação OnLIFE**. *Práxis Educacional, Vitória da Conquista*, v. 17, n. 45, p. 137-161, 2021. DOI: 10.22481/praxisedu.v17i45.8339. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/8339>. Acesso em: 1 out. 2023.

SCHLEMMER, Eliane; BACKES, Luciana; PALAGI, Ana Maria Marques. O habitar do ensinar e do aprender OnLIFE: Vivências na educação contemporânea. In: **O**

habitar do ensinar e do aprender OnLIFE: Vivências na educação contemporânea. São Leopoldo: Casa Leiria, 2021. p. 15-34. Disponível em: mod.lk/ed21_fc2. Acesso em: 30 set. 2023.

ⁱ Daiane Silva de Andrade
Mestra em Letras/Estudos Literários (Unimontes)
Grupo de Pesquisa: Ensino de linguagem e sua associação com pesquisas em Linguística e Literários - CNPq
Professora EBTT (Língua Portuguesa) IFNMG/Campus Salinas
E-mail: daiane.andrade@ifnmg.edu.br
Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5626541278117306>

ⁱⁱ Luana Aparecida Matos Leal Fernandes
Doutora em Estudos Linguísticos (UFU)
Grupo de Pesquisa: Ensino de linguagem e sua associação com pesquisas em Linguística e Literários - CNPq
Professora EBTT (Língua Portuguesa) IFNMG/Campus Salinas
E-mail: luana.leal@ifnmg.edu.br
Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1490458639205536>